



# A FORMAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO

Elba Chagas Sobral <sup>1</sup>  
Rodrigo de Oliveira Aureliano <sup>2</sup>

## RESUMO

A educação formal tem se mostrado como importante coadjuvante no processo de envelhecimento e na integração das pessoas idosas na sociedade. As políticas públicas, as formas de organização social, o conhecimento ampliado sobre a saúde física, mental e espiritual da população em envelhecimento constituem notadamente os campos de ação da educação para o envelhecimento. A presente revisão de literatura buscou verificar a existência da temática do envelhecimento como parte integrante do currículo de formação na graduação do curso de Pedagogia. Especificamente: investigou-se como a gerontologia se insere na formação do educador; como o conhecimento sobre o envelhecimento pode promover a intergeracionalidade e, quando acontece, de que forma? Como método, optamos por uma revisão narrativa da literatura, que se deu em diferentes bases, juntamente com a leitura de obras clássicas sobre o tema. Em seguida, realizou-se a presente redação atravessada pelo relato de experiência da autora sobre sua vivência como pedagoga. Conclui-se que a formação em gerontologia não está presente nos currículos e na formação dos educadores; a busca pelo conhecimento desta disciplina, quando ocorre, é de forma autônoma e transversal. Dessa forma, destaca-se como emergente o debate sobre a inclusão desta temática na sociedade, em geral, bem como nas formações dos professores atuantes nos diversos graus de ensino.

**Palavras-chave:** Educação, Envelhecimento, Formação de professores, Intergeracionalidade, Gerontologia

## INTRODUÇÃO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2060 a população idosa brasileira representará 25,5% da população (IPEA, 2014). Esse crescimento da população idosa, remete ao entendimento da velhice e suas consequências biopsicossociais como uma questão emergente.

Pode-se justificar esse aumento da expectativa de vida pelos avanços tecnológicos relacionados à área da saúde nos últimos anos, bem como ao desenvolvimento e conhecimento sobre como lidar com os fatores estressantes da contemporaneidade como as doenças crônico-degenerativas, a capacidade de resolução de problemas e com o desempenho e competência social e emocional (CAMPOLINA et al, 2013).

---

<sup>1</sup> Especialista em Gerontologia pela Universidade Católica de Pernambuco – PE. elba.sobral01@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, Especialista em Gerontologia pela Universidade Católica de Pernambuco – PE. rodrigoaureliano@hotmail.com;



É importante destacar que a população de idosos está crescendo mais rapidamente do que a de crianças. Em 1980 existiam aproximadamente 16 idosos para cada 100 crianças. Em 2000, essa relação aumentou para 30 idosos por 100 crianças, praticamente dobrando em 20 anos. A previsão é de que cheguemos a 2025, nos próximos três anos, com 50 adultos com 65 anos ou mais, por cada 100 jovens menores de 15 anos. Em 2045, o número de pessoas idosas ultrapassará o de crianças (WONG; CARVALHO, 2006).

No contexto apresentado, diante de uma maior perspectiva de vida da população brasileira, pode-se afirmar que a sociedade não está preparada para acompanhar essa revolução do envelhecimento populacional. Segundo Musial *et al.* (2020), este contingente de pessoas idosas necessita de políticas públicas emergenciais que atendam suas demandas complexas e especificamente em relação às novas formas de organização social, adequadas à sociedade contemporânea. “Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem torna-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional” (ARBACHE, 2001, p.22).

Face ao que foi exposto, este artigo propôs verificar a existência ou não da temática do envelhecimento como parte integrante do currículo de formação na graduação do curso de Pedagogia. Especificamente: investigou-se como a gerontologia se insere na formação do educador; como o conhecimento sobre o envelhecimento pode promover a intergeracionalidade e, quando isso acontece, de que forma?

Tendo em vista esta breve introdução, apresentamos, em seguida o método utilizado, um relato de experiência sobre o tema, os resultados e discussão produzida.

## **MÉTODO**

Como método, optamos por uma revisão narrativa da literatura, e na busca de um entendimento crítico sobre a temática, selecionamos artigos que contemplassem as várias possibilidades de educação para o envelhecimento. Qualquer investigação nada mais é do que a busca de responder à indagação inicial (MINAYO, 2012). Dessa forma a revisão se deu nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO - Scientific Library Electronic, e Portal PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Como estratégia de busca aplicou-se os termos “gerontologia”, “educação”, “intergeracionalidade” e “formação de professores”. Após a leitura, foi realizada a triagem dos artigos que contemplassem o objetivo proposto. Buscou-se agregar ao material as obras clássicas sobre a pedagogia de Paulo Freire. Em seguida,



realizou-se a presente redação atravessada pelo relato de experiência da autora sobre sua vivência como pedagoga.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Iniciei minha atividade profissional como professora do curso primário (hoje Ensino Fundamental), na segunda metade dos anos 70, quando o Brasil era aclamado como um país jovem, o país do futuro; conseqüentemente, o processo do envelhecimento não fazia parte de nenhuma disciplina, nem do curso do magistério, nem do curso de pedagogia, cursado entre 1976 e 1981, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estudava-se as fases do desenvolvimento da criança e do adolescente, mas a fase do adulto e da velhice não existiam, não eram estudadas no currículo.

Como professora, pedagoga, na década de 80, 90 adentrando ao século XXI, ensinando nesse período nos anos iniciais, no EJA (Ensino de Jovens e Adultos), atuando também como coordenadora pedagógica na rede municipal da cidade do Recife, não atentava para essa população em processo acelerado de envelhecimento, nem percebia o número crescente de avós e avôs que iniciavam um processo de responsabilidade com seus netos, e hoje até bisnetos, encaminhando-os à escola e assumindo o papel de cuidadores dos mesmos.

No ano de 2015, mergulhei em uma busca pessoal, preparando-me para a minha aposentadoria, que ocorreria poucos anos depois. O meu desejo era sim deixar de coordenar e lecionar, no entanto, mantendo uma ocupação real. Desejava continuar estudando ou retomar os meus estudos, que por uma série de razões não ocorreu como desejava. Embora, em função da necessidade de atualização acadêmica, tenha feito mais de uma especialização e cursos na área do ensino, aprendizagem e de coordenação pedagógica, minha última atuação junto ao corpo docente da escola Municipal Santa Maria, em Recife, Pernambuco.

Na interface dessa procura por um novo curso, ao presenciar e acompanhar o envelhecimento de meu pai de forma mais pontual e próxima, e reelaborar os seus últimos anos de vida, após a sua partida, ouvi do Papa Francisco, em uma entrevista, uma fala sobre a necessidade de um olhar cuidadoso para as duas fases mais carentes na sociedade: a infância e a velhice. Eis aí o meu despertar para a questão: trabalhei com crianças desde o início da minha adolescência, agora era a hora de fazer essa ponte, focar meu olhar no idoso, faixa etária que também adentraria em alguns poucos meses.

Nessa busca, comecei a frequentar dois grupos de estudos: um na área da psicologia e outro na área bíblica. Em 2017, fui convidada para participar, como ouvinte, do Fórum sobre



Questões do Envelhecimento, que acontece mensalmente na Universidade Católica de Pernambuco. Entre idas e vindas, amante como sou dos corredores e bancos escolares, tomei conhecimento da Especialização em Gerontologia, que inauguraria sua 3ª turma. Até então eu nunca tinha ouvido o termo Gerontologia, mas fui pesquisá-lo e resolvi me inscrever. Era o início de uma nova história em minha vida.

Logo na primeira disciplina descobri que estava no lugar certo, me encantei pela intergeracionalidade, fui presenteada com o livro "Querido Papa Francisco" (2016), no qual o Papa Francisco responde cartas de crianças do mundo inteiro, respondendo suas perguntas e promovendo uma valiosa relação intergeracional.

Levei esse campo de estudo de forma transversal e interdisciplinar para o meu trabalho com as professoras e as crianças. Li para elas essas cartas, elas também escreveram cartas, que eu mesma respondia ou pedia a colegas da escola para fazê-lo. Promovemos na turma uma visita a uma Instituição de longa permanência para idosos (ILPI). Realizamos atividades, onde os avós foram convidados para ensinar receitas, confecção de brinquedos do seu tempo de criança, bem como contar histórias do bairro e de sua vida.

Convidei a minha orientadora de estudos, para uma conversa de sensibilização com as professoras, sobre o processo do envelhecimento, a fase da velhice e a literatura infantil direcionada para esse público. Meu objetivo era despertar a comunidade escolar, de maneira especial as professoras, para esse novo e essencial campo de estudos – pois todos estamos no processo de envelhecimento, desde o nosso nascimento e quiçá concepção, como já destacam estudiosos do tema – bem como iniciar um trabalho de valorização aos avós, tão presentes na vida dessa comunidade escolar, situada no bairro do Alto José do Pinho, em Recife, Pernambuco.

Infelizmente, em 2020, a pandemia da Covid-19 se fez presente e, conseqüentemente, foi necessário o afastamento social, sendo suspensas as atividades de modo presencial da escola. Em julho desse mesmo ano, mesmo de forma remota, em alusão ao dia em que se comemora o dia dos avós (26 de julho), algumas professoras que estavam mais sensibilizadas pelo tema realizaram algumas atividades com as suas turmas. Entretanto, ainda é muito pouco para o que precisamos de fato fazer. Não se pode mais ficar abordando o envelhecimento de forma comemorativa, apenas uma vez ao ano. Em 2021, ano da escolha de livros didáticos para a Educação Infantil, analisei com as professoras esse material, buscando a temática do envelhecimento no conteúdo a ser trabalhado e vivenciado com esse segmento. Constatei que apenas uma editora colocou uma página, voltada para esse tão importante assunto, que precisa cada vez mais fazer parte de nossas rodas de conversas, de nossos estudos, visto que



vivenciamos uma sociedade cada vez mais envelhecida, muitas vezes marginalizada, sofrendo preconceitos quando precisam de tanto apoio para florescer como as crianças que foram um dia.

Os idosos têm sabedoria. São incumbidos da grande responsabilidade de transmitir sua experiência de vida, sua história familiar, a história de uma comunidade, de um povo (FRANCISCO, 2017, p. 03).

Diante desse relato, e na certeza de que é na escola que se realizam as transformações sociais, preciso e quero levar a Gerontologia para dentro dos cursos de Pedagogia, não de forma transversal, mas como disciplina de sua formação na graduação. Na minha concepção, os professores precisam se apropriar dessa temática de estudo, focando o processo do envelhecimento e a velhice como mais uma fase da vida, em que o ser humano já vivenciou muitas experiências e muito tem a ensinar a seus netos e bisnetos, consanguíneos ou não. Esse encontro de gerações se faz cada vez mais presente na sociedade atual, promovendo uma aliança entre os jovens e os idosos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se com esta revisão, responder aos objetivos propostos bem como perceber como os professores educam e se preparam para o envelhecimento. Paulo Freire (2019, 2020), nos diz que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a produção ou construção de novos. Com a conquista da longevidade, e o crescimento do número de pessoas acima dos 70, 80, 90 e até 100 anos, se faz necessária a inserção de pontes interdisciplinares entre a gerontologia e a pedagogia, provocando um novo olhar do profissional educador, em relação ao processo de envelhecimento, preparando as gerações para o convívio intergeracional e para o envelhecimento da sociedade na qual estão inseridas.

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 1996, p. 29).

Cachioni *et al.* (2015) destacam a importância da educação ressaltando que é extremamente significativa a procura, por parte dos idosos, por atividades educacionais em programas oferecidos em universidades, associações, sindicatos, em cursos de línguas, de formação profissional e de reciclagem, em sistemas de aprendizagem aberta e de formação à



distância. A procura desse segmento da população em adquirir novos conhecimentos, tem por objetivo aumentar sua rede de suporte social e/ou construir suas próprias trajetórias.

As pessoas jovens e adultas, ao retornarem aos espaços de educação formal, carregam consigo marcas profundas de vivências constitutiva de suas dificuldades, mas também de esperanças e possibilidades, algo que não deveria ficar fora do processo de construção do saber vivenciado na escola (SILVA, 2010, p.66).

As políticas públicas alicerçam a necessidade da educação para o envelhecimento e de forma coadjuvante incrementam a temática junto às instituições de ensino. No que concerne à educação sobre o envelhecimento, as ações governamentais, estão descritas no Artigo 10, III da PNI - Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) as seguintes orientações na área:

- a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso;
- b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;
- c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores;
- d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento;
- e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições do idoso;
- f) apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber.

A PNI traçou as diretrizes e propôs um novo paradigma para as camadas populacionais envelhecidas, contudo, até hoje, ainda não se percebe essas ações na prática. Se faz necessária a união de forças para a implantação imediata desse movimento em prol das pessoas idosas, independente da classe social onde elas estejam inseridas.

Segundo Webber e Celich (2007), a educação de idosos permite uma ressignificação das experiências anteriores à velhice e, principalmente, das vivências experimentadas durante o curso de vida. “O conhecimento é uma possibilidade de reaver a dignidade do ser humano inserto no contexto social” (LIMA; BRAGA, 2016, p. 84). Assim, impulsionar o conhecimento ao profissional pedagogo sobre o envelhecimento, para que estes eduquem os seus alunos nesta temática, é um meio de produzir qualidade de vida aos idosos e, de forma paralela, a todos os que convivem com as pessoas idosas.

Ao aprender sobre o envelhecimento os profissionais da pedagogia assumem o papel de produzir um significado diferente sobre esta questão, permitindo que pessoas reflitam sobre o envelhecimento social e revejam seu próprio projeto de vida, seus ideais e expectativas. Dessa forma o professor torna-se influenciador direto na qualidade do envelhecimento dos diferentes sujeitos independente da faixa etária.



Escolas, faculdades e universidades são locais privilegiados para a divulgação e a provocação das mudanças de comportamento de toda uma sociedade em relação ao envelhecimento. Nestes espaços pode-se além de propiciar o conhecimento, promover o encontro entre gerações, ressignificando as relações entre elas e gerando novas descobertas para os envolvidos nesta troca.

Comecemos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações (FREIRE, 2001, p. 39).

Em seguida, apresentamos as reflexões e considerações finais sobre o artigo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação é um direito que deve fazer parte de todas as fases da vida. É urgente o desenvolvimento de projetos educacionais, pesquisas e de profissionais capacitados e atuantes nos campos da gerontologia e da pedagogia, garantindo a educação continuada dos professores da educação básica, média e profissionalizante, demonstrando a importância de estudos sobre a educação para o desenvolvimento de habilidades na velhice na perspectiva do aprendizado contínuo na busca do envelhecimento saudável.

Conclui-se com esta revisão, que a formação em gerontologia ainda não está presente na formação dos educadores de forma curricular. A busca pelo conhecimento desta disciplina, quando ocorre, é de forma autônoma e transversal pelos professores que realizam treinamentos, cursos de formação e procuram vivenciar experiências junto às pessoas que se interessam pelo processo de envelhecimento. Os professores que se inserem no aprendizado sobre o envelhecimento, no geral, de forma intergeracional, transmitem a temática para seus alunos e indiretamente os transformam em pessoas mais próximas dos idosos, quebrando os etarismos e promovendo a solidariedade intergeracional. Percebemos como emergente o debate sobre a inclusão desta temática na formação de professores e em suas vivências acadêmicas, uma vez que educar é promover qualidade de vida.



## REFERÊNCIAS

ARBACHE, A. P. A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica. Dissertação de Mestrado. FUNREI. 2001. Disponível em: [http://forumeja.org.br/gt18/files/ARBACHE.pdf\\_1.pdf](http://forumeja.org.br/gt18/files/ARBACHE.pdf_1.pdf).

BRASIL. POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. **LEI Nº 8.842**. 1994. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm)

CACHIONI M.; ORDONEZ, T. N.; BATISTONI, S. S. T.; LIMA-SILVA, T. B. Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. **Educação & Realidade**. 2015, v. 40, n. 1, pp. 81-103. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623645741>. Acessado em: 01 jun. 2022.

CAMPOLINA, A. G.; ADAMI, F.; SANTOS, J. L. F.; LEBRÃO, M. L. A transição de saúde e as mudanças na expectativa de vida saudável da população idosa: possíveis impactos da prevenção de doenças crônicas. **Cad. Saúde Pública**. 29:1217-29. 2013.

FRANCISCO, Papa. **Querido Papa Francisco: O Papa responde às cartas de crianças do mundo todo**. Edições Loyola. 2016.

FRANCISCO, Papa. **Sabedoria das Idades**. Edições Loyola. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra. 1996.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Paz e Terra. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 81ª ed. Paz e Terra. 2019.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Paz e Terra. 2020.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Relatório econômico. Brasília: Ipea. IBGE, 2014.**

LIMA, M. S. L.; BRAGA, M. M. S. C. Relação ensino-aprendizagem da docência: traços da Pedagogia de Paulo Freire no Ensino Superior. **Educar em Revista**. v. 00, n. 61. pp. 71-88. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47203>.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso).

MUSIAL, D. C.; BARROSO, A. E. S.; MARCOLINO-GALLI, J. F.; ROCHA, F. **Políticas sociais e gerontologia: diálogos contemporâneos**. Maringá: Uniedusul. 2020. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/wp-content/uploads/2020/09/E-BOOKPOLITICAS-SOCIAIS-E-GERONTOLOGIA.pdf>.





SILVA, J. A. Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos-EJA: tudo junto e misturado. Dissertação de Mestrado em Educação. **Faculdade de Educação**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

WEBBER, F.; CELICH, K. L. S. As contribuições da universidade aberta para a terceira idade no envelhecimento saudável. **Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento**. v. 12, pp. 127-142. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4983/2852>. Acessado em: 01 jun. 2022.

WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos de População**. v. 23, n. 1. pp. 5-26. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982006000100002>.